
EDITORIAL

Este número da *Revista Diálogo Educacional* elege como tema “A formação continuada de professores” para compor o dossiê dos artigos recebidos e encaminhados pelos pesquisadores da comunidade científica.

Os debates em torno da formação continuada assumem destaque de políticas governamentais para a educação, pois se atribui aos professores a promoção da melhoria do ensino. Em decorrência, torna-se imperativo o fomento à formação continuada como subsídio aos professores: professores com boa formação promovem educação de qualidade. Essa lógica permeia as finalidades dos inúmeros programas ofertados para a atualização e especialização dos professores.

Destarte, este conjunto de ações constitui-se tema a ser investigado em pesquisas e estudos visando ao exame, avaliação e análise das ações realizadas como nas produções de referências para a área. As pesquisas sobre o tema apontam para avanços pontuais, centrados em grupos de trabalho e escolas específicas que desenvolvem um processo contínuo, com programação constante e que tomam a prática como ponto de partida.

As pesquisas denunciam que a promoção de eventos e cursos para as redes de ensino centradas em temas genéricos pouco contribuem para o desenvolvimento profissional do professor e mudanças de melhoria na prática pedagógica. Por outro lado, os estudos sobre a autoformação do professor expressam o envolvimento e comprometimento dos docentes que realizam a reflexão da prática. No entanto, a focalização da prática sem a compreensão de seus determinantes não favorece transformações para além da inclusão de novas técnicas.

Deste modo, algumas questões parecem pertinentes: bastam programas de formação continuada dos professores para promover a melhoria do ensino? Os investimentos em educação não carecem de propiciar

condições efetivas para que a escola realize o ensino em plenitude e não apenas universalize o ingresso das crianças no sistema?

Neste sentido, este número promove a divulgação de pesquisas para ampliar e contribuir com os debates sobre as condições de promoção do desenvolvimento profissional dos professores, quer pela condição de trabalho, pela organização do espaço escolar para a promoção de processos contínuos de formação docente, bem como com o estudo das pesquisas sobre o trabalho docente e a formação continuada e mesmo com a conceituação na área.

Além disso, traz para o debate a relação entre cultura e educação, formação e regulação da aprendizagem, e práticas de formação nos cursos de graduação, com a pretensão de contribuir com os pesquisadores da área de educação.

O artigo “A formação des(continuada) dos professores temporários, provisoriedade e qualidade de ensino”, de autoria de Luiz Carlos Novaes, visa a apontar a negligência das políticas educacionais no que tange aos investimentos na formação continuada e na valorização no âmbito da própria carreira. Destaca o autor que os contratos de trabalho dos *professores temporários* não permitem estabelecer vínculos entre o sistema e o professorado, o que interfere no modo de conceber a escola, a profissão e o ensino, e, por isso, o ensino assume caráter provisório e precário.

Na perspectiva dos espaços de formação continuada, Marta Beck Andrade e Leny Rodrigues Martins Teixeira propõem o artigo “A escola: a grande ausente da formação continuada”. Nesse texto, as autoras apresentam resultado de pesquisa sobre os modelos de formação continuada de professores a partir das práticas de capacitação, concluindo que a escola é a grande ausente no processo de formação.

Já o artigo “Formação continuada: contribuições para o desenvolvimento profissional dos professores”, elaborado por Joana Paulin Romanowski e Pura Lucia Oliver Martins, analisa as contribuições da formação continuada para o desenvolvimento profissional dos professores, tomando como referência pesquisas realizadas no período de 2005 a 2008 pelo grupo de pesquisa Práxis educativa: dimensões e processos. O ponto

de partida são depoimentos de professores sobre o processo de formação continuada, e as análises apoiam-se na sistematização de Santos (2005), que estabelece, em termos didáticos, diferentes níveis de conhecimento, do nível descritivo ao compreensivo, passando pelo explicativo. Destaca o contexto em que se institui a formação continuada no Brasil e as atuais exigências para o desempenho profissional do professor.

“Caráter simbólico e prático da formação permanente para professores”, de Maria da Conceição Carrilho de Aguiar, traz algumas reflexões em torno da formação permanente diante do atual contexto das políticas de formação e toma como referencial a pesquisa na perspectiva das representações sociais.

Na continuidade, o artigo de Márcia de Souza Hobold e Sílvia Simão de Matos, intitulado “Formação continuada: o processo de incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação no trabalho do professor universitário”, foca resultados de pesquisa envolvendo o processo de desenvolvimento profissional de professora universitária em vista da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) na sua prática docente.

O exame das teses e dissertações sobre formação continuada de professores é o tema tratado por Júlio Emílio Diniz-Pereira e Cláudia Caldeira Soares no texto “Formação continuada de professores na rede municipal de educação de Belo Horizonte: o que dizem as teses e dissertações (1986-2005) sobre o assunto?”. Destacam os autores que as produções acadêmicas levantaram muitas críticas em relação à formação “inicial” de professores, como também problemas sobre a formação continuada dos profissionais do ensino e as limitações da escola como *locus* privilegiado dessa formação.

Na direção de exame das tendências de pesquisa sobre o trabalho docente, o artigo “Estudos sobre trabalho docente”, escrito por Andréa R. Caldas, sintetiza essas tendências de pesquisa a partir da análise de resumos de trabalhos indexados nos últimos 20 anos, com a finalidade de estabelecer um panorama preliminar do estado da arte da pesquisa sobre trabalho docente no Brasil.

Finaliza o dossiê, o artigo “Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas”, elaborado por Luis Eduardo Prada, Thaís Campos Freitas e Cinara Aline Freitas. O propósito do texto é apresentar uma reflexão sobre o processo de formação, destacando que a formação é um processo de aprendizagem que se realiza desenvolvendo-se individual e coletivamente dentro da cultura, incorporando-a, criando e recriando-a.

Nos artigos diversos, a dimensão cultural na educação é o tema do artigo “Por uma abordagem intercultural da educação: levar a cultura a sério”, de autoria de Tania Ogay. O trabalho evidencia uma reflexão sobre as diferentes facetas da dimensão cultural da educação, bem como a respeito das armadilhas em torno do conceito de cultura. Ressalta que para evitar a escolha da sacralização das culturas é possível conceber a interculturalidade como uma dialética entre o valor da diferença e o valor de igualdade.

Um segundo artigo, “Docência para facilitar el aprendizaje activo y autorregulado”, escrito pelos pesquisadores chilenos e espanhóis María Victoria Pérez, Alejandro Díaz-Mujica, Julio Antonio González-Pienda e José Carlos Núñez, examina o conceito de autorregulação da aprendizagem e a importância de fomentar esse processo durante as aulas. Para isso, propõe um programa de docência para facilitar a aprendizagem ativa do aluno.

O texto de Márcio Antônio Cardoso Lima, “As condições do ensino de filosofia no Estado do Tocantins”, apresenta resultados de pesquisa feita com professores(as)/trabalhadores(as), sobre as condições do ensino de Filosofia no Estado do Tocantins na rede pública de ensino, com ênfase no ensino médio, de modo a contribuir com subsídios para a intervenção prática.

E o artigo “A iniciação científica no ensino superior”, escrito por Marcos Jorge, Tiago Santos Telles e Ana Carolina Patrocino, visa a apresentar um panorama da Iniciação Científica (IC) e do PIBIC nas universidades estaduais do Paraná. Para organizar o texto, foram considerados os Anais dos Encontros Anuais de Iniciação Científica (EAIC).

Finaliza a revista a resenha feita por Ana Maria Eyng sobre o livro *Currículo, poder e lutas educacionais: com a palavra, os subalternos*, de Michael Apple. Destaca que a análise crítica da distribuição desigual do poder político, econômico e cultural que caracteriza as lutas educacionais por conhecimento e voz, no contexto contemporâneo, compreende o foco do livro.

Na expectativa de ter contribuído com os propósitos desta revista como um espaço aberto ao diálogo na área da educação, agradecemos aos autores pela valiosa colaboração ao encaminharem seus artigos, bem como aos pareceristas, pela análise dos textos.

Cabe também agradecer à Editora Champagnat, pela contribuição e suporte permanente na publicação da revista, e à Fundação Araucária, pelo apoio.

Aproveitamos para manifestar nossos cumprimentos aos editores que nos antecederam na condução da revista. Esperamos corresponder à confiança depositada para levarmos adiante a honrosa tarefa de encaminhar a *Revista Diálogo Educacional*.

Profa. Dra. Joana Paulin Romanowski
Profa. Dra. Pura Lúcia Oliver Martins
Editoras